

exclusivo

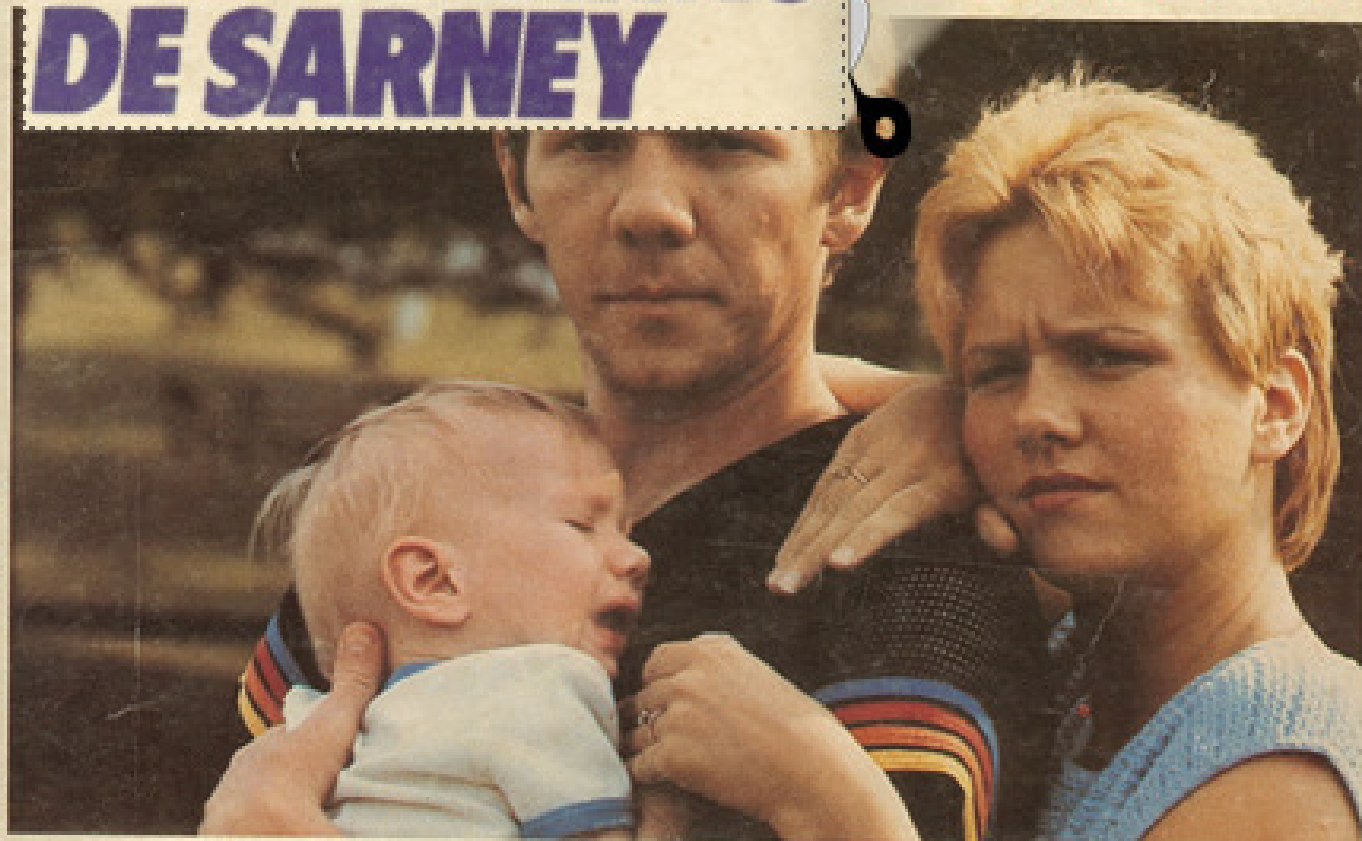
O 2º capítulo da reportagem do século

MENGELE

*A vida como milionário nos anos 50
e a fuga para a América do Sul
em cores*

O divórcio bilionário de **CHRISTINA ONASSIS**

O MARANHÃO LIVRE DO DE SARNEY



As novas
vítimas,
não-
homossexuais:
este
hemofílico
controla AIDS
numa
transusão de
sangue e
transmitiu o
mal para a
mulher e o
filho

bloch

AIDS

O MARANHÃO DE SARNEY

Reportagem de Joaquim Maria • Fotos de Carlos Humberto TDC

A coisa mais conhecida do Maranhão sempre foi a sua poesia. Agora, quando um poeta maranhense ascende à presidência da República, a curiosidade nacional volta-se para o estado que — nos contos na escola — tem a maior produção de balayú do país. MANCHETTE foi visitar o Maranhão de José Sarney. E, sendo junho, encontrou um estado em festa: é tempo de bumba-meu-bói, a mais tradicional comemoração folclórica maranhense. Mas nem só de festa vive o estado com a menor renda per capita do Brasil. Com o advento da Nova República, a terra do presidente espera que chegue sua hora e vez de ser um Novo Maranhão.

SICATE



**"SENTIA-SE COISA NOVA
NAS ESTRADAS
MELHORADAS E NO
MOVIMENTO DA FEIRA"**

Os passos do soldado do Centro de Lançamento de Alcântara seguem o caminho do futuro sem esbarrar no passado, antiga tradição da Festa do Divino, viva na fantasia das crianças.



**"O SOL ESFRIA VA E O
CAMINHO DA BOCA DA
NOITE ESTAVA
COMEÇANDO"**

Excelsior, a boca da noite amarece
engulir a sede do governo do Maranhão em
São Luís (que já abrigou também José
Sarmay), e traz a benção de Deus de la
Revenda, o brincar francês que a mandou
construir em 1612.





ENTE COMO NÓS, ENCANTADOS DO AMOR DA TERRA, DAS AGUADAS E DOS CAMPOS, DOS BICHOS E DOS HOMENS"

Rico em manifestações religiosas afro-brasileiras, no Maranhão a democracia de cultos e crenças é plena. No alto, a esquerda, a Imperatriz e os vassallos na Festa do Divino. Ao centro, os tambores cerimoniais. Logo abaixo, a Casa de Milans — único culto vodum do Brasil. E, acima, os fantasmas, que formam um grupo da grande festa do bumba-meu-boi.



Chico Dengoso tinha trinta anos em 1930. Mulato esperto, empregado, faz-tudo do promotor público da cidadezinha de Piranhão, na barxada ocidental maranhense, Chico Dengoso era homem de riso fácil, mas de muita responsabilidade.

Na noite de 23 de abril o patrão o chamou e pediu: "Chico Dengoso, vá chamar a parteira. Mônica de Salu. Acho que chegou a hora." O mulato foi e voltou depressinha, a parteira com ele. A hora tinha chegado mesmo. No alvorecer do dia 24 nasceu José — Ribamar como o santo, primogênito de Sarney Costa Araújo e Kíola Ferreira Costa Araújo —, que seria o primeiro presidente do Brasil nascido no Maranhão.

— Chico Dengoso, está com saude de presidente?

— *Reita*, que falta que 'tá fazendo aquele dandão!

Chico tem hoje 85 anos, 26 filhos, e passa apertado para viver. Há muito não vê o presidente: "Toda vez que ele vinha aqui não me deixavam ver ele. Não vou pedir nada, não. Só quero olhá." Nasceu no Amazonas, mas veio menino para o Maranhão. Um Maranhão que caminhava lento e oleante para um desenvolvimento que apenas se vislumbra.

"O Maranhão é uma terra que tem alma," Augusto Maia Araújo, o Tampinha, popular pelo seu envolvimento com escolas de samba na cidade de São Luís, solta a frase com o orgulho e o conhecimento de um maranhense que viveu quase dez anos no Rio de Janeiro. Pesquisador do folclore do estado, letrista de samba-enredo, ele faz dúpla, quase sempre, com José Alves. Ou Zé Piranhã, como é conhecido e cumprimentado nas ruas. "Eu era muito brigo, quando menino, e mordida pra valer. Dai veio o apelido." Ele trabalha com distribuição de pescado, mas gosta mesmo é de dirigir a Escola Flor do Samba, o que faz há 14 anos. "O carnaval em São Luís melhorou muito. Antes, às 9 da noite, todo mundo ia embora dormir. Hoje a gente amanhece na rua. O carnaval virou espetáculo, que nem do Rio de Janeiro." Gaguinho comenta, a rir: "Quando vejo o Zé Piranhã penso logo que é carnaval."

A alma do Maranhão, a que se refere Augusto Tampinha, é o espírito do povo. Povo hospitaleiro, cordial, alegre. Basta ver os apetidos que as ruas e locais públicos de São Luís ganham. A Rua 14 de Julho é o Beco do Quebra-Bunda, a 28 de Julho é a Rua do Giz. E tem o Beco do Caga-Ossos e a Rua da Bosta. A Rua do Sol é estreita e tem sombra o dia todo. A Rua das Rosas não tem rosa alguma. Mas a Rua da Alegria é alegre.

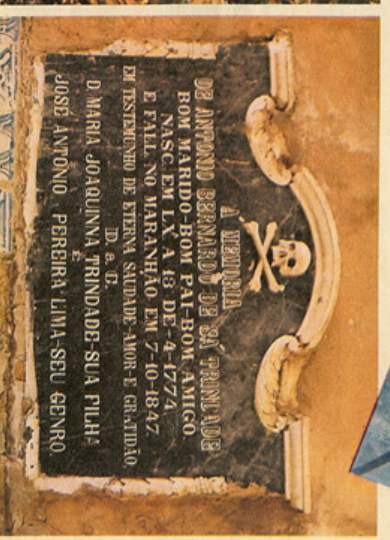
Essa alegria que se vê nas ruas poderia ser por causa do mês de junho, mês das festas, quando os bumba-meu-boi saem para as moléculas divertidas do folclore que simboliza o ciclo do gado no Nordeste. Pode ser que a alegria aumente com as punções do tambor-de-crochê, aqueles bate-barriga das mulheres dançando ao som do batuque tocado pelos homens. Mas é sempre assim mesmo. Apesar do massacre que o povo maranhense vem sofrendo do clima. "Está-gão mesmo", diz Zé Piranhã. "São tempos duros: inverno e verão. De junho a dezembro chove — é o inverno. E no outro semestre não chove — é o verão."

Zé Piranhã é um tipo esguio, não muito

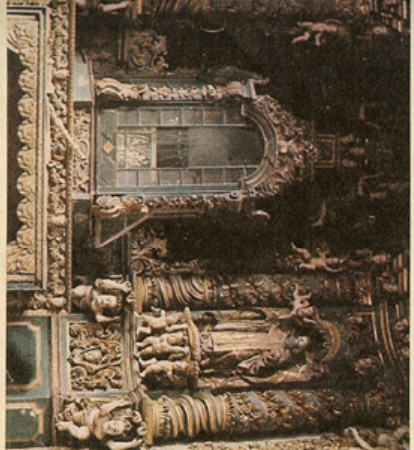


"ETA MARANHÃO GRANDE ABERTO SEM PORTEIRA"

Acima, Alcantara entardece sobre o casarão. À direita, a máscara da Fonte do Ribeirão, cartão postal de São Luís. Abaixo, a arte barroca e as tumbas familiares da Igreja do Carmo, em Alcantara.



alto. Está sempre atento a tudo o que acontece. Ao que parece, uma das características do maranhense. Mas Ney Santiago, 29 anos, também acha o maranhense acomodado. "Quase todo o comércio da cidade de São Luís é feito por cearenses e pernambucanos, muitos deles que chegaram aqui *puixando cachorrinha* (sem dinheiro para nada) e agora estão ricos." Ney trabalha no Banco do Estado do Maranhão — o governo é maior empregador em todo o estado — numa cidadezinha muito próxima de São Luís, chamada São José de Ribamar. É santo e milagroso, dizem. Sua imagem é achada no mar, e por isso é considerada protetor dos pescadores. Quem tem histórias para contar sobre o santo é o seu Netival, 74 anos, pai de Ney. O velho Neyr Lebre Santiago foi, durante 43 anos, secretário do Liceu Maranhense, colégio onde estudou o Presidente José Sarney. "No meu tempo de secretário havia respeito. Se havia confusão de alunos na classe, eu riscava porta e era como água na fervera. Hoje o ensino está liquidado." Seu Netival conta que a igreja de São José de Ribamar está sendo construída de costas para o mar. "Ela nasceu a igreja. Inauguraram num dia quando foi de manhã a construção apareceu destruída. Começaram tudo outra vez."



Em Alcantara (alto), por manchas de fotógrafo, a procura descrita pelas estrelas no céu revela o movimento de rotação da Terra. Ao centro, o casarão de São Luís, com a Igreja do Desterro ao fundo. E a Igreja do Carmo, em Alcantara.

Quando ficou pronta, inauguraram de novo, e no dia seguinte ela estava no chão outra vez. Só quando resolveram erguer a igreja de frente para o mar é que o santo se acalmou. Era ele quem derrubava a igreja." Rihamar Fonseca, jornalista, tem outra história, esta sobre a praia dos Lençóis, local ao norte do estado que, curiosamente, é habitado por albinos. "Uma vez tivemos problemas com o barco e paramos ali. Consertado o defeito, tentamos sair e o barco não se mexia. Tentamos várias vezes e nada. Ali alguém nos contou que nada podia ser tirado da praia dos Lençóis sem pedir licença a São Sebastião, que é o protetor. Dito e feito. Um marinheiro, que estava levando uma cancha, jogou-a fora e, coincidência ou intervenção do santo, o barco navegou facilmente, logo depois."

O mesmo Rihamar jura ter comprovado uma outra curiosidade da praia dos Lençóis: cavou um buraco na areia, bem perto do mar, e a água que minou do buraco era doce!

Já se vê que o maranhense é supersticioso. Mas respeita a inteligência. Aprecia os que falam bem, com poesia. E aprecia, acima de tudo, a simplicidade. A mãe de Antônio Menezes, funcionário da Vargem, em uma frase resume a posição do povo: "Quanto menos coisas, melhor passamos." Para ela, o tempo dos coronéis já passou. "Antes eles tinham muita terra. Entravam na casa da gente e nem tiravam o chapéu. Mas hoje estão muito devagrar. Até mudaram de nome; agora se chamam chefes políticos."

Os coronéis que porventura ainda existem estão no interior. Quem não se lembra de ter visto na televisão o velho Cezário Costa, da cidade de Porto Franco, que foi a Brasília visitar o amigo Sarney, que conheceu criando? Coronel Costa tem um posto de gasolina em sua cidade. Encimou o posto de alifolantes e todas as tardes vai para o microfone e faz um discurso. Dizem que junta muita gente para ouvir. E dizem que juntos são sacatadas em toda aquela zona rural.

A zona rural do Maranhão é atípica em relação ao Brasil: reúne 78% da população do estado, estimada em cerca de 6 milhões de pessoas. São Luís, a capital, congrega, sozinha, 12% de toda a população urbana maranhense, enquanto os 10% restantes ficam divididos nas principais cidades do interior: Bacabal, Pedreiras, Balsas, Caxias, Imperatriz.

Imperatriz, segundo dados oficiais, é a cidade que mais cresce no Maranhão, devido à sua proximidade com a região do garimpo de Serra Pelada. Além disso, passa por uma fase de acelerada industrialização, tem uma pecuária florescente e está às margens da Belem-Brasília.

Roberto Macieira, hoje secretário do Indústria, Comércio e Turismo do estado, é irmão de dona Marly Sarney. Bem mais novo que a irmã e o cunhado, ele conta que, quando José e Marly se namoravam, ele era sempre o irmão designado para sair com eles, como era costume em todas as famílias. "Eu só tinha dez anos, e preferia brincar a sair com eles. Mas foi bom para conhecer bem o Sarney, que é um sujeito brilhante."

Madeira exibe, com orgulho, dados que colocam o Estado do Maranhão entre os maiores produtores de arroz do país. São perto de 1 milhão e 200 mil toneladas por ano, a maior parte produzida na região de Balsas, no sul do estado. O Maranhão também produz mandioca — é o segundo em produção em todo o Nordeste —, laranja, milho, soja, feijão, banana e pimentão-do-reino. O coco de babaçu, que já che-



gou a ser exportado para a Alemanha, tem perdido importância relativa, desde 1983, mas ainda é o segundo maior produto maranhense.

Evandro Sarney ("Eu não sou irmão do presidente; o presidente é que é meu irmão") lembra-se de quando os dois decidiram vir para São Luís, para estudar. "Meu pai era promotor em Balsas, nessa época. Pegamos uma balsa e fizemos 16 dias de viagem, até Teresina. Ele tinha 13 anos e eu 12. Pobres como éramos, ficamos hospedados na casa de um operário da antiga Fábrica Santa Amélia, no bairro do Desterro. Não tínhamos dinheiro para comprar livros. Então fomos a pé, todas as noites, ler na Biblioteca Pública do Estado." Evandro se emociona e chora quando se lembra que o mesmo prédio onde ambos liam os clássicos da literatura, num esforço de meninos pobres, se transformara, mais tarde, na Academia Maranhense de Letras, onde os dois seriam empossados como membros efetivos.

"Temos um outro irmão na Academia, também. É o Ivan. Passe a mão aqui nos meus olhos. Tá vendo? São lágrimas de verdade. Estou emocionado."

O maranhense é conversador. O melhor exemplo disso é, talvez, seu João Carlos, pai da cantora Alcione. Músico aposentado da Polícia Militar, teve nove filhos, a maioria músicos. Durante a vida toda *brincou o boi*, que é como se chama participar de um grupo de bumba-meu-boi. O velho chefe, como é chamado pelos filhos, fica animado quando fala do Bumba-Meu-Boi de Leonardo, o seu grupo. "Você sabe qual é a história do boi? Pois a fabulação é muito simples: um vaqueiro matou o melhor boi do patrão, escondido, porque a mulher dele estava grávida e queria comer língua de boi cozida. Mas o patrão descobriu e mandou enterrar o negro no

chão, so os da cabeça de fora. Ele ficou ali muitos dias, alimentado somente com pão e água. Os negros pediram punição a São João que fizesse o patrão ter pena do negro. E assim agiu o santo: resuscitou o boi e mandou o patrão soltar o vaqueiro. Só que tinha mais uma coisa: era para o patrão matar um boi todo dia 24 de junho, e mandasse fazer festa com os vaqueiros, para comemorar o dia do santo. E esse é o começo do bumba-meu-boi."

Os estudiosos, se não confirmam a intervenção lendária do santo junino, pelo menos concordam com a origem da tradição desse festejo do Nordeste. Sérgio Ferretti, do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Maranhão, acredita que o bumba-meu-boi é uma das tradições que mais tem resistido a influências culturais em todo o Brasil. "É uma alegoria do ciclo do gado, que atinge o período mais importante no Nordeste entre o final do século XVI e o início do XVIII." Já o tambor-de-citola, pelas características manidas, parece ser original da cultura da nação jeje. Como os cultos vodum da Casa das Minas. "É uma casa espiritualista dirigida apenas por mulheres, fundada por uma rainha de Daomé. São três os focos ainda ativos das Casas de Minas, fora da África: Cuba, Haiti e Maranhão." Os jejes eram uma nação dominadora na África, e vendiam os inimigos vendidos como escravos. Por isso muito poucos dessa nação vieram para o Brasil.

A Casa das Minas (ou Querubim de Zomoudou, na língua jeje) é uma das mais antigas comunidades de culto afro-brasileiro de que se tem notícia no Brasil, segundo Sérgio Ferretti. Foi estudado por etnólogos de nome, como Roger Bastide, Pierre Ver-

"TERRAS ABERTAS... A GENTE ESCOLHA, GOSTAVA E FICAVA"
A casa onde nasceu o presidente, na cidade de Pinheiro, e que hoje virou biblioteca pública municipal. E lá para José Sarney, onde Chico Leite, 91 anos, o parente mais velho do Presidente Sarney, descansa de tanta vida.

ger e Manuel Nunes Pereira. É uma casa conservadora, que não aceita inovações nos rituais implantados pelas velhas africanas fundadoras, da tribo de Daomé. Só aceitam para filhas-de-santo mulheres que recebam um vodum (entidade espiritual benigna) jeje-jeje e não tenham vinculação a outro terreiro. A última cerimônia de iniciação aconteceu em 1914, e a última iniciada, Mãe Andressa Maria, morreu pouco antes de 1950. Com ela morreram muitos segredos do culto, que não foram revelados. Por isso a Mãe Amélia, que hoje vive a casa, acha que a comunidade está em declínio. "Precisamos de comunicação com a África, para conhecer os segredos. Sentio o culto do vodum vai acabar aqui no Maranhão."

De São João a São Pedro, no Maranhão, as ruas são só festa. Arraiás juninos, com barracas cobertas de palha de pindeba, abrigam, todas as noites, grupos de bumba-meu-boi. As pessoas dançam nas ruas, cantam as toadas de boi, brincam juntas. Os bois são batizados em cerimônias católicas, na noite do dia 23 de junho, e dançam até a época da *matança*, em julho. A matança do boi é uma pantomima da qual o povo participa ativamente. Mas bois de verdade também morrem, e viram churrasco para os brincantes.

Filica, o Filomeno Mendes Neto, nasceu em Pinheiro, a cidadezinha do presidente, hoje com 70.000 habitantes. Sarney é seu padrinho de batismo (Sarney e Dedeco Mendes, pai de Filica, fundaram a UDN de Pinheiro, em 1954). Seu avô foi prefeito, seu pai foi prefeito, e o atual prefeito é seu cunhado. Filica é engenheiro civil e mora em São Luís, mas sempre que pode vai até Pinheiro. "Nesta região temos gente passando fome por duas razões: porque a verba destinada aos flagelados das secas e das enchentes é desviada pelos políticos, e porque tem muita gente preguiçosa. Tem muito peixe por aqui... O escomento de peixeado, no entanto, estava há mais de 40 dias interrom-

pido, porque a ponte sobre o rio Percutina ruíra. A causa é um vegetal aquático, parecido com orelhas de boi, que o maranhense chama de murum. Esses vegetais se aglutinam, se entrelaçam, compactando-se em verdadeiras ilhotas. Quando chove, a ilhotas — que pode chegar a mais de 100m de diâmetro — flutua e desce o rio. Foi uma dessas ilhas, auxiliada pela correnteza forte depois de uma chuva, que botou abaixo a ponte de madeira. A ponte deveria ser de concreto, mas as Prefeituras de São Bento e Pinheiro dizem que a obra é da competência do estado e por isso não se mexem. "Mesmo porque não temos recursos. A Prefeitura é muito pobre." A afirmação de Terezinha Leite, chefe do gabinete do Prefeito Pedro Lobato, reflete a precariedade da pequena Pinheiro que, ainda assim, é o centro de uma micro-região que congrega mais de 350.000 pessoas.

Um total de 1.582 indústrias estão cadastradas no Estado do Maranhão. São Luís, Imperatriz e Meirim abrigam 63% desse total, especialmente no ramo de produtos alimentícios e madeira. No eixo da Ferrovia Carajás/Fronta da Madeira novas perspectivas industriais têm surgido, com a concentração de atividades de exploração agropecuária.

Mas o maior potencial do Maranhão, segundo Macieira, é o turismo. O folclore é muito rico e o artesanato é variado. O turismo, no entanto, permanece encerrado na potencialidade. A cidade de Alcântara, extraordinário acervo arquitetônico colonial do país, descuidada e triste, a cada inverno fica menor. Uma chuva mais severa derrubou consideráveis pedregos da antiga Mariz, de São Matias, ao lado do pelourinho. Os Palácios do Imperador se esboçaram no tempo. Esses palácios foram construídos quando se teve notícia de uma visita do Imperador Pedro II, cada um convidado por um irmão Franco de Sá, Filipe e Antônio Raimundo, em disputa. O imperador jamais fez a viagem. Antônio Raimundo foi encontrado morto e os palácios nunca foram concluídos. Centro econômico da região no tempo do Império, quartel-general da aristocracia rural da época, Alcântara chamava-se Tapuitapera (casa dos tapupis) e era a sede da capitania de Cuna. O acesso a Alcântara, hoje é feito por barco a motor.

Alcântara tem 2.000 habitantes, número que tende a aumentar, muito como a já iniciada implantação do Centro de Lançamento do Ministério da Aeronáutica. O arquiteto Danilo de Azevedo Rocha, responsável pelo escritório técnico da Fundação Nacional Pro-Memória, acha que o trabalho de implantação deve ser feito com muita precaução. "A Base pode contribuir para o desenvolvimento da atual cidade. Por que não investir no centro que já existe? Basta deixar intacta a área restrita, tombada em 1948, e desenvolver o resto da cidade. Conclui-se o moderno e o preservado, e todo mundo ganha."

O Maranhão é rico em crenças, originais da Europa, do negro africano e do índio brasileiro. Não se pode tomar cacheca de figura e tomar banho no mesmo dia que é morte certa. Torrar gergelim e receber um golpe de ar causa doença. Mostrar caixa a doente desencanado salva a pessoa. Um caboclo desce de um caminhão, a beira da ponte caída do Percutina, carregando as costas um caixa de madeira leve, revestido de tecido azul, ordinário. Espera a canoa para levá-lo ao outro lado.

— Pra quem é esse caixa, meu colega?
— É pro *velo* Mané Chaves, do Pimentá.
— Morreu, já?
— Ainda não, mas já está decidido: enterra hoje ou amanhã.
— Pois mostre o caixa a ele. *Aguarda* que não morre. Vem outro no caixa, mas ele não morre.

Do índio veio uma parte considerável da cultura — a farinha d'água, arroz com jaca, o refresco de jucara. Veio o culto da pajelança, que o bumba-meu-boi assumiu em parte. Do negro os cultos espiritualistas, da umbanda ao tambor-de-mina, o arroz de tucupiti e o cuxá, um mingau de folhas de vinagreira com gergelim maranhense socado, leite de coco e condimentos. E a preguiça. Ah! A preguiça que não deixa ninguém trabalhar direito. Culpa do clima... Alcione, a cantora maranhense, costuma dizer: "O Maranhão tem axé." Isto quer dizer bois fluidos, beleza espiritual. O patriarca Chico Leite, 91 anos, o parente mais velho de José Sarney, vive em Pinheiro, e concorda: "O Maranhão não tem graves, não tem revolução. Criminalidade tem, mas não nasce daqui. O povo de fora é que traz."

Mas se o Maranhão, a contragosto, importa problemas sociais como a criminalidade, exporta, com orgulho e para o deleite nacional, talentos musicísticos, principalmente na literatura e na música. José Montello, Ferreira Gullar, Abastio e Arthur Azevedo, Alceon, Nonato Buzar. Sem contar o presidente-imortal José Sarney e, ainda das terras das palmeiras, onde canta o sábio, Gonçalves Dias, o poeta.